

# **Representações da Culpabilização de Mulheres Vítimas de Estupro: Uma Análise Étnico-Racial**

**Natiene Ramos Ferreira da Silva**

## **1. Introdução:**

O presente artigo é um recorte da pesquisa **Culpabilização Social: A Responsabilidade Atribuída a Vítima de Estupro levando em Consideração o Aspecto Racial**<sup>1</sup>. Esse estudo foi fundamentado na teoria das representações sociais de Jodelet – entre outros teóricos que abordam as questões raciais e de gênero. O conceito de raça aqui abordado fundamenta-se nas concepções de Munanga (2003), que a legitima como realidade social e política, por ser considerada construção sociológica e categoria social de dominação e exclusão.

### **Gênero e violência sexual**

Os estudos de gênero tiveram seu início com as feministas americanas e europeias no começo do século XX, com os chamados “estudos de mulheres”. Desde sempre suas temáticas estiveram ligadas à luta política de igualdade entre os sexos e, neste contexto, compreender a violência sexual em suas mais variadas práticas e motivações tornou-se um campo importante de estudo dentro das discussões de gênero.

As relações que se estabelecem em um estupro estão além dos sujeitos envolvidos no crime, no qual está implicada uma relação de poder, que, por sua vez, pode estar atrelada a situações econômicas, de gênero, entre adultos e crianças etc. O estupro sob esta perspectiva, vitimiza não apenas mulheres, mas também homossexuais, travestis, crianças de ambos os sexos e outros grupos de vulneráveis. Brownmiller (1975, p. 256 apud Vitto, Gill e Short, 2009) aborda o estupro como um mecanismo de controle historicamente frequente, mas amplamente ignorado, mantido por instituições patriarcais e relações sociais que reforçam a dominação masculina e a

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada por graduandos em Psicologia (Alexandre Pereira dos Santos, Natiene Ramos Ferreira da Silva, Sâmela de Jesus Alves, Victória Santana Silva, Tiago Ferreira da Silva) orientada pela professora doutora em Psicologia Experimental Ilka Dias Bichara, como requisito de conclusão da disciplina pesquisa IV do currículo de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. A pesquisa teve como objetivo verificar as implicações do racismo no imaginário social que se tem de mulheres vítimas de estupro.

subjugação feminina. Saffiot, (1995) apud Coulouris (2010), destaca que mesmo que a supremacia masculina possua graus e formas distintas de acordo com o período histórico, ainda vivemos um período marcado pela sua dominação. Assim, ainda que o crime de estupro se imponha a outros grupos de vulneráveis, é nas relações de gênero que claramente observa-se a representação socialmente construída da posição do homem dominante sobre a mulher submissa e dominada.

Segundo Coulouris (2010, p.16), no Brasil, o crime de estupro era caracterizado apenas como “constranger a mulher à conjunção carnal, mediante violência grave ou ameaça”, ou seja, qualquer outro tipo de violência sexual – tal como através de sexo oral e anal, estavam enquadrados como “atentado violento ao pudor”. A partir da alteração feita no dia 17 de agosto de 2009, o ato criminoso passou a ser mais abrangente, tendo sido inserido em seu texto no Código Penal o termo “outro ato libidinoso” para representar qualquer outra modalidade de violência além do coito vaginal, possibilitando também que homens sejam percebidos como vítimas de estupro. A construção legal do crime de estupro perpassa pela influência que o machismo exerceu e ainda exerce em todos os âmbitos sociais, delegando à mulher a condição de submissa nas relações de poder no que tange as questões de gênero. Prova disto está na natureza do indício criminal do ato, antes limitado apenas às marcas físicas, ou seja, a ausência destas descredibilizaria completamente o relato da vítima, reafirmando seu lugar inferiorizado.

### **1.1. O lugar social da mulher negra**

Ao analisar os dados trazidos pelo Dossiê Mulher 2010, que discorre sobre a situação das mulheres pretas e pardas no Rio Janeiro, é possível perceber que o processo de exclusão e violência contra a mulher negra, que teve seu início na sociedade escravocrata, ainda é bastante presente no século XXI. Essas mulheres são maioria entre as vítimas de homicídio doloso – aquele em que há intenção de matar – (55,2%), tentativa de homicídio (51%), lesão corporal (52,1%), além de estupro e atentado violento ao pudor (54%). As mulheres brancas eram maioria apenas nos crimes de ameaça (50,2%), segundo o Dossiê supracitado. Nos casos mais específicos de violência sexual sofrida por essas mulheres, os números são alarmantes e têm aumentado em todo país. Conforme os dados do Serviço de Atenção a Pessoas em Situação de Violência Sexual da Bahia – VIVER (2013), que atende em média 70 mulheres por mês, as principais vítimas

atendidas têm entre 15 e 29 anos, são pardas ou pretas e moram em bairros da periferia de Salvador e Região Metropolitana.

O fato das mulheres negras se encontrarem em uma situação social mais vulnerável pode aparecer como justificativa por estas estarem expostas a mais situações de riscos. No entanto, isso nos leva a questionar porque essa população ocupa os lugares menos privilegiados na escala social. Desse modo, se faz necessário compreender também o processo de elaboração da representação dessa mulher negra, para que não se tenha uma visão simplista desse panorama.

O Brasil, país fortemente marcado pelo patriarcalismo e pelo preconceito contra a raça negra (Rufino, 1988 apud Vaz, s.d.) ainda é um país em que se estende com orgulho a bandeira da “democracia racial” – democracia esta que só é vista e defendida por uma elite branca, que acredita que o processo de exclusão é fruto das disparidades econômicas e da pouca força de vontade dos indivíduos. Para analisar essa questão, este estudo é construído sob a teoria das Representações Sociais – que engendra espaço para a discussão de determinadas falácias ainda persistentes nesta sociedade. Para Jodelet (1989, p.4) “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Ou seja, as representações são formadas por conjuntos de saberes socialmente construídos, dotados de linguagem, conceitos e crenças compartilhadas por um dado grupo social, e que orientam suas ações em decorrência dessas construções. A forma de investigação de Jodelet propicia a ampliação do espaço de discussão do papel da mulher negra, dentro de uma sociedade machista e racista em que se constitui o Brasil. Assim, para o questionamento das representações da população negra na sociedade brasileira é necessário apontar e destacar sua inserção nesse espaço.

Segundo Silva (2011, p.78), o negro inserido como escravizado no Brasil tem sua imagem construída a partir de elementos altamente negativos, sendo caracterizado como criatura inferior, primitiva, preguiçosa, de baixo intelecto e instintiva, sendo colocado à margem da história como sujeito e visto apenas como objeto, literalmente, mesmo após o regime escravista. Neste contexto, a mulher negra era vista como objeto não apenas de trabalho, mas também como ama-de-leite e objeto sexual, onde a primeira era descartada após alimentar o filho do senhor em detrimento do seu próprio e representada como portadora de doenças; já a segunda, tal como ocorria principalmente com as mucamas, era representada como sedutora, provocante e

imoralmente incitadora de práticas sexuais. Young (2005), afirma que a criação dessa representação sexualizada da mulher negra, sendo vistas como altamente desejosas de sexo e dotada de “atributos” como um erotismo primitivo e desenfreado, contribuiu fortemente para o estupro de mulheres negras no período da escravidão. Isso é constatado na permanência de alguns estereótipos, como a extrema sensualidade desta, reforçada pela mídia - através, por exemplo, da venda da imagem da mulata, da negra, durante os carnavais como símbolo sexual, reafirmando o que diz Carneiro (2001) quando coloca que as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto (*ontem a serviço de senhores de engenho tarados...*).

O objetivo principal desta pesquisa foi averiguar se há diferença na atribuição de responsabilidade pelo estupro, levando-se em consideração a raça da vítima, verificando se quando a vítima for uma mulher negra haverá uma responsabilização individual mais intensa quanto ao estupro perpetrado contra ela do que quando for uma mulher branca. Tem-se como objetivo específico verificar as representações ainda presentes na sociedade soteropolitana sobre a mulher negra e o impacto desta representação nas relações sociais.

Sendo assim, o problema desta pesquisa foi identificar a existência da diferença de representação na atribuição de responsabilidade pelo ato do estupro quando a vítima é negra ou branca.

## **2. Método**

### **2.1. Amostra:**

Participaram da pesquisa 181 sujeitos, sendo 90 homens e 91 mulheres, com idades entre 18 e 83 anos, moradores da cidade Salvador Bahia, tendo como único pré-requisito para participação do estudo ser maior de 18 anos.

Os participantes assinaram o termo de consentimento, indicando sua livre participação na pesquisa, a qual atende aos critérios éticos e científicos determinados pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisa com seres humanos. Dos 181 sujeitos 86,19% se auto-declararam negros - incluindo pretos e pardos, 7,73% brancos, 3,86% indígenas e 2,20%

não informaram a raça. A maioria é de religião católica, 32,04%, seguidos de pessoas que declararam não ter religião 25,41% e evangélicos 17,12%. Quanto à escolaridade 2,76 da amostra possuíam nível fundamental incompleto, 4,41 % fundamental completo, 35,36% nível médio completo, 14,36% médio incompleto, 25,41% superior incompleto, 16,57% superior completo, 1,1% não informou a escolaridade.

## **2.2. Instrumento:**

Foi elaborado um questionário composto de uma narrativa fictícia sobre a ocorrência de um estupro, seguida por uma imagem de uma mulher, sendo que foram utilizadas duas imagens distintas em cada questionário: uma mulher negra e uma branca. Além disso, o instrumento foi composto por uma evocação, uma questão aberta e dezesseis itens relativos aos estímulos apresentados, em formato de escala likert (cinco pontos). Os itens foram divididos em cinco categorias: culpabilização pela vestimenta, pela sexualidade, pelo comportamento e submissão feminina a vontade masculina. À parte da escala constava um questionário sociodemográfico contendo seis perguntas: a idade do participante, o gênero, a cor, classe social, religião e escolaridade.

Foram utilizadas duas imagens diferentes para que posteriormente fosse estabelecida uma comparação da influência da raça da vítima nas respostas apresentadas pelos participantes. As imagens foram utilizadas com propósito de serem disparadores de estereótipos, *priming*. As fotografias foram validadas por uma análise de cinco juízes por meio de uma entrevista composta de quatro questões, que tinham como objetivo avaliar a compatibilidade de idade, simpatia e características que faziam das voluntárias representantes das raças que estavam sendo identificadas.

## **2.3. Procedimentos de coleta de dados**

Os dados foram coletados em diferentes bairros da cidade de Salvador e de Região Metropolitana, entre os meses de julho e agosto de 2013. Os aplicadores trabalharam individualmente, observando as seguintes recomendações para os sujeitos: que o questionário fosse respondido seguindo a ordem em que ele é apresentado, não sendo recomendável que o sujeito tenha acesso aos itens antes que respondesse à evocação de palavras e à questão aberta;

que os sujeitos estivessem sozinhos ou mesmo em grupo, porém evitando o diálogo para que as respostas não fossem enviesadas pela opinião de outras pessoas.

#### 2.4. Procedimentos de análise

A etapa analisada neste artigo é a questão aberta: “Comente sobre o fato apresentado e como ele poderia ser evitado”. A questão aberta foi investigada a partir da análise de conteúdo e foram criadas categorias a partir das respostas encontradas, assim sendo, as categorias não foram formuladas a priori com base na teoria, mas seguiu um caminho inverso, onde a partir da articulação dos resultados foram buscadas bases teóricas que apoiassem os achados. As respostas dos sujeitos foram divididas em unidades de registro diferentes por conterem ideias distintas e em muitas vezes opostas. Para Bardin (1996 p.47 apud Freitas, 2000) a Análise de Conteúdo é

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visa obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Assim, após a divisão das unidades de análise e sua alocação em diferentes agrupamentos, foi possível inferir sobre as respostas dos sujeitos referentes aos estereótipos ativados por cada questionário, permitindo uma análise quantitativa comparativa sobre a culpabilização da vítima de estupro em relação à raça.

### 3. Resultados e Discussão

Os resultados da questão aberta foram distribuídos em duas grandes categorias: 1. *Culpabiliza a Vítima* e 2. *Não Culpabiliza a Vítima*. Essas categorias foram divididas em subcategorias como dispostas nas tabelas abaixo:

Tabela 1: Categoria *Culpabiliza a Vítima* definição e exemplos de frases

Drogas	Expressões que consideram o fato da vítima ter ingerido bebida alcoólica ou usado outro tipo de droga como justificativa pelo fato ocorrido. <b>Ex:</b> “Não sei. Acho que se ela não confiasse tanto no cara, e não tivesse bebido.”
Julgamento Moral	Assertivas que consideram as atitudes e comportamentos da vítima como inadequados

---

	ou incompatíveis para a situação, utilizando valores mais conservadores que depreciem ou estereotipem negativamente. <b>Ex: “Ela deveria se dar o respeito e não saísse com vários homens para uma festa...”</b>
Roupa	Expressões que consideram o fato da vítima usar roupa curta ou provocante como um ponto que influenciou a ocorrência do estupro. <b>Ex: “Não ter usado uma roupa tão curta poderia ter evitado o estupro...”</b>
Privação de Liberdade	Expressões que limitam o direito da vítima transitar livremente por espaços e horários específicos desacompanhada e conseqüentemente contribuem para a ocorrência do fato. <b>Ex: “Isso poderia ser evitado se ela não fosse para essa festa.”</b>
Provocação	Expressões que consideram que a vítima incitou propositalmente o sujeito que cometeu o ato. <b>Ex: Algumas mulheres se insinuam para os homens e depois dizem que não querem nada...”</b>
Ingenuidade	Expressões que coloquem a vítima como um sujeito não consciente dos supostos perigos e situações de risco no ambiente e justifiquem o ocorrido através desta falta de consciência. <b>Ex: “Nem todas as pessoas que conhecemos podemos confiar.”</b>
Imprudência	Reúnem as expressões que colocam a vítima como responsável pelo ocorrido por ter consciência dos supostos riscos, expondo-se a situações que poderiam ser evitadas, por vezes, creditando malícia ao comportamento da vítima. <b>Ex: “O autor do delito deixou sintomas de anormalidade de comportamento e mesmo assim a vítima ignorou...”</b>
Deslegitima a palavra da vítima	Expressões que coloquem a palavra da vítima em dúvida, através de declarações que consideravam o depoimento da vítima insuficiente para chegar a alguma conclusão no caso. <b>Ex: “... A mulher dá e depois inventa história para posar de santinha, a cara dela não nega...”</b>
Desresponsabilização do estuprador	Expressões que atenuam a responsabilidade do estuprador em relação ao crime através de fatores relacionados a situações que explicitam alterações de consciência ou ideias que naturalizam o ato do estupro, atribuindo-o essencialmente a um comportamento sexualmente masculino. <b>Ex: “...mas quando o homem tá com o psicológico alterado , seja por álcool ou por qualquer outra substancia, não sei se foi o caso, e no calor das emoções daquele momento, pode vir a cometer certas loucuras como está...”</b>

---

Tabela 2: Categoria *Não culpabiliza a vítima*


---

Confiança na Amizade	Expressões que explicitem uma não responsabilização da vítima por conta de não lhe parecer possível que um amigo a violentasse, ou seja, que não lhe tenha sido interpretado como uma situação de risco por não ver o amigo como ameaça. <b>Ex: “A moça não teve culpa em nenhum momento. Ela apenas confiou em um amigo o que é natural, a situação infelizmente não tinha como ser evitada. Pois ela jamais esperava essas atitude de um amigo.”</b>
Violência Urbana	Expressões que direcionam o fato ocorrido a um contexto geral de violência no mundo, não direcionando especificamente a situação às pessoas envolvidas.

---

---

	<b>Ex: “... poderia ser morta... O mundo de hoje que nós vivemos, entrega nas mãos de Deus.”</b>
Cultura do Estupro	Problematizam o contexto cultural e as representações acerca da violência sexual contra a mulher, tanto nos aspectos mais gerais, quanto especificamente nos casos de estupro, explicitando os fatores sociais que refletem a complexidade do fenômeno na atualidade. <b>Ex: “vivemos em uma sociedade machista, onde o homem muitas vezes sente-se no direito de impor seus desejos sem respeitar o direito e a vontade do outro...”</b>
Culpa do estuprador	Expressões onde o autor do crime é diretamente culpabilizado, sem que a vítima também o seja em qualquer grau. Atribui apenas ao estuprador o ato, independente de qualquer fator. <b>Ex: “não tem nem o que falar pois se ele era amigo dela ele não tinha que ter feito isso não, ele é um mal caráter”</b>
Distancia o Estuprador	Expressões que afastam o estuprador da relação de proximidade da vítima, descaracterizando a amizade com a colocação deste no lugar de estranho, desconhecido ou apenas um colega distante, mas nunca um amigo. <b>Ex: “Ela deveria não sair sozinha com um desconhecido.”</b>

---

As categorias foram criadas a partir da leitura das respostas dos questionários. Com a existência de dois relatórios com *priming* diferentes, se fez necessário que as análises fossem realizadas separadamente, ocasionando disparidades entre a subcategoria do questionário que continha a imagem da mulher negra e o que continha a imagem da mulher branca. Como exemplo, tem-se a categoria *Julgamento Moral* que apareceu apenas no questionário da mulher negra. Além disso, pontua-se também que existem respostas que aparecem em mais de uma categoria e subcategoria - a distribuição foi realizada dessa maneira pois a mesma resposta trazia aspectos multivariados a respeito dos motivadores e/ou ações preventivas para a situação ocorrida. Notou-se que além da imagem, a palavra festa, também influenciou na ativação dos estereótipos, visto que, no texto narrativo não se fazia alusão à bebida alcoólica ou outros tipos de drogas. Mas nas respostas apareceu com uma frequência relevante.

Através da análise da categoria *Culpabilização da Vítima*, a mulher, branca ou negra, foi mais culpabilizada pelo estupro do que não culpabilizada. No total de 181 respostas presentes nos dois questionários, sendo que algumas respostas foram alocadas em mais de uma categoria e/ou subcategoria, totalizando 260 unidades de registro (UR), destas 174 responsabilizou a vítima, equivalendo a 66,92% UR. Quando se estabelece uma comparação entre a mulher negra e branca, a mulher negra foi mais culpabilizada. Dentro do total de respostas coletadas nas categorias presentes nos dois questionários, (N=260), 96 destas culpabilizavam a mulher negra pelo ato, o que representa cerca de 36,9%, enquanto os questionários que tinham como imagem a mulher branca dentro da categoria, *Culpabilização da Vítima*, foram 78, o que representa cerca de 30%.

Proporcionalmente, as expressões que *Não Culpabilizam a Vítima* foram 86, representando 33,1% do total das UR. Dessas respostas 48 estavam presentes no questionário com a imagem da mulher branca, representando 18,46% das respostas, enquanto sob o mesmo critério, o questionário que com a imagem da mulher negra continha 38 respostas, representando 14,61%.

#### **4. Existe diferença de representação na atribuição de responsabilidade pelo ato do estupro quando a vítima é negra ou branca?**

Foram elencadas por ordem de frequência as quatro primeiras subcategorias de cada questionário. A partir disso, nota-se que em relação à *Culpabilização da Vítima* não houve uma diferenciação das subcategorias selecionadas (ver tabela 3). Entretanto, duas delas apareceram em ordem diferente: *Imprudência e Ingenuidade*. Sendo que a primeira subcategoria apresentou a maior frequência no questionário MN, enquanto que *Ingenuidade* aparece com a terceira maior frequência. No que se refere à mulher branca, *Ingenuidade* aparece em primeira posição e *Imprudência* aparece na segunda. Já, as subcategorias *Liberdade e Drogas* apareceram, respectivamente, na terceira e quarta posição. Enquanto que no questionário da mulher negra *Liberdade* aparece em segunda posição e *Drogas* em última.

Na categoria *Não Culpabiliza a Vítima*, foi aplicado o mesmo critério de alocação da categoria anterior. Entretanto, houve uma diferenciação nas subcategorias que apareceram com maior frequência em cada questionário. No questionário da mulher negra as quatro primeiras subcategorias foram: *Violência Urbana, Culpa do Estuprador, Confiança na Amizade, Cultura do Estupro*. Enquanto que no questionário da mulher branca, as subcategorias que apareceram com maior frequência foram: *Cultura do Estupro, Culpa do Estuprador, Distância o Estuprador, Violência Urbana* (ver tabela 4). Nota-se que três subcategorias foram semelhantes, no entanto *Violência Urbana* apareceu em primeira posição no questionário mulher negra (MN) e em quarta posição no questionário mulher branca (MB). Já a subcategoria *Culpa do Estuprador* apareceu na mesma posição nos dois questionários, tendo em ambos a segunda maior ordem de frequência.

Quando comparados os dados dos questionários, na subcategoria *Cultura do Estupro*, a representação da mulher branca como objeto de satisfação sexual é mais criticada em relação a

essa mesma representação na mulher negra. Considerando a frequência das respostas da subcategoria *Ingenuidade*, pôde-se reafirmar a visão da mulher branca como um ser frágil e ingênuo, contrapondo-se à ideia da negra hipersexualizada, o que pode ter contribuído para a indignação identificada nas respostas para a objetificação da branca e maior aceitação desta mesma objetificação quando referente à mulher negra. Isso condiz com o que coloca Carneiro (2001), as mulheres negras são mulheres com identidade de objeto e isto se apresenta de forma naturalizada na sociedade - e a imagem de uma mulher altamente sexualizada, leviana, não dá margem para uma intensa indignação contra a violação do seu corpo.

Tabela 3. Quatro subcategorias que apresentaram maior índice de frequência no Questionário Mulher Negra

<i>Subcategorias</i> <i>Culpabilização</i>	Questionário MN	<i>Subcategorias</i> <i>Não Culpabilização</i>	Questionário MN
Imprudência:	29	Violência Urbana	11
Liberdade	19	Culpa do Estuprador	09
Ingenuidade	15	Confiança na Amizade	08
Drogas	09	Cultura do Estupro	06

Tabela 4. Quatro subcategorias que apresentaram maior índice de frequência no Questionário Mulher Branca

<i>Subcategorias</i> <i>Culpabilização</i>	Questionário MB	<i>Subcategorias</i> <i>Não Culpabilização</i>	Questionário MB
Ingenuidade:	23	Cultura do Estupro:	14
Imprudência:	22	Culpa do Estuprador	12
Liberdade	18	Distancia o Estuprador	09
Drogas	05	Violência Urbana	07

Já os resultados da subcategoria *Violência urbana* apontam que mulheres negras são entendidas como mais vulneráveis a contextos de violência, caracterizados principalmente pela impotência da vítima diante da banalização da violência, como também da sensação constante de

insegurança. No entanto, mesmo diante deste contexto, a mulher negra parece não estar isenta da culpa pela violência que sofre, visto que, segundo as frequências das respostas obtidas, enquanto a mulher branca é culpada em sua *Ingenuidade*, a mulher negra é julgada por sua *Imprudência*, aquela que tem consciência dos riscos, e se expõe a situações que poderiam ser evitadas. Cabe ressaltar que, como demonstram os dados, a mulher branca foi também fortemente culpabilizada na subcategoria *Imprudência*, o que mais uma vez traz a cena a já notável responsabilização que a sociedade imprime a todas as mulheres pela violência que sofrem (Coulouris, 2010). No entanto, a mulher branca parece ser colocada como ingênua e imprudente, de forma a se equilibrar entre inocência e malícia, e a ser tratada paternalmente como frívola, pueril, irresponsável – como já discutia Beauvoir em 1970, porém de forma generalizada, sem especificar as diferenças étnico-raciais – e, na contracena, a mulher negra é imprudente e não se vê nela ingenuidade suficiente para equilibrar seus atos irresponsáveis.

Apesar da categoria *Culpa do Estuprador* ter ocupado a segunda posição, nos dois questionários, entende-se que sua frequência, mesmo quando contabilizados os questionários juntos, foi pequena frente à quantidade de participantes que responderam a pesquisa. Das 260 unidades de registro, apenas 21 delas consideraram o estuprador como culpado, o que contabiliza apenas 8,07% das respostas, 9 dessas estavam no questionário da mulher negra e 12 no questionário da mulher branca. Ou seja, ainda encontram-se dificuldades na identificação do estuprador como culpado, sendo a vítima, a maior parte das vezes, quem ocupa este lugar. Ao mesmo tempo, não foi possível perceber uma diferença de culpabilização da vítima relacionada ao gênero dos participantes: tanto homens como mulheres tenderam a responsabilizar as mulheres pelo estupro, o que corrobora com o que diz Saffiot (apud Santos e Izumino, 2005) – a ideologia machista socializa o homem para dominar a mulher e esta para se submeter a ele. Esse tipo de socialização possibilita que determinados comportamentos sejam vistos como naturais como, quando o homem se sente no direito de agredir sua esposa ou de estuprar uma mulher. E o machismo não é perpetuado apenas nas práticas e discursos masculinos, mas também nas práticas e discursos femininos, através de comportamentos tidos como adequados para as mulheres onde quem desvia de tal conduta passa a ser considerada “criminoso” frente à transgressão das regras sociais.

A subcategoria *Confiança na Amizade* apareceu com a terceira maior frequência no questionário MN, enquanto *Distanciamento do Estuprador* aparece na terceira posição no

questionário MB. Uma análise possível seria que essa diferença deve-se a uma representação social a respeito do círculo de convivência da mulher negra ou branca, admitindo-se, portanto, que à mulher negra, devido a sua posição na pirâmide social, estaria mais sujeita a companhias potencialmente violentas, relacionando-se à subcategoria *Violência Urbana* que apareceu com a maior frequência no questionário da mulher negra. Alguns dados do projeto Viver na cidade de Salvador trazem informações sobre os bairros com maior ocorrência de casos de estupro, bairros pobres como Paripe, Calçada, Alto do Coqueirinho (Viver, 2013) e outros bairros periféricos aparecem com maior índice desses casos. É possível identificar uma relação que as pessoas fazem sobre as informações que circulam sobre os bairros populares e a imagem que se tem dos moradores destes, em sua maioria negros, e todo o estereótipo que se tem sobre essa população marginalizada, aproximando o estuprador à vítima, mesmo que não culpabilizando-a. Em contrapartida, o estuprador é afastado do círculo de amizade da personagem da história no questionário da mulher branca, reforçando mais uma vez as representações racistas que a sociedade brasileira reproduz desde seu período escravocrata.

*Privação de Liberdade* é uma subcategoria emblemática sobre a representação que a população em geral tem acerca dos espaços que a mulher deve ocupar na sociedade. Os dados dos questionários trouxeram, de forma intensa, a ideia de que a mulher, branca ou negra, evitaria estupro se estivessem no espaço doméstico e não nas vias públicas – reforçando o ideal de que o ambiente da rua, no imaginário social, é privativo dos homens. Chartier (1995) e Arán (2003), dentre diversos autores e autoras, afirmam que as noções normatizadoras e idealizadas que compõem o universo mental e as noções valorativas a respeito das relações entre os gêneros, naturalizam e essencializam o papel social da mulher, identificada ao espaço doméstico/privado em oposição ao homem e sua gerência do espaço público. Mesmo a mulher negra, em sua particularidade de ganhar a rua desde a época da escravidão - como coloca Carneiro (2001), *mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas* - mesmo esta mulher não é reconhecida como ocupando, na rua, um lugar que lhe pertence. Que seja um espaço de trabalho marginalizado é tolerado, mas não lugar de trocas, relações pessoais e muitas vezes, de poder, como afirma Arán (2003).

#### **4. Considerações Finais**

A violência contra a mulher, neste artigo sendo problematizada especificamente através da violência sexual representada pelo estupro, consiste em um fenômeno de enorme complexidade e de raiz ainda muito forte dentro da estrutura social, principalmente no que tange os ditames da chamada “Cultura do estupro”, estrutura que é fortemente disseminada e, muitas vezes, caminha nas entrelinhas das relações sociais. A descrença na versão da vítima, a naturalização de comportamentos dos agressores, a relativização do ato, de sua gravidade e consequentemente do prejuízo causado a quem sofre a agressão são algumas das características que ilustram o modus operandi de uma cultura que subjuga a mulher e lhe impõe um lugar de inferioridade. Contudo, a análise do fenômeno não se faz apenas através do recorte de gênero, mas também de raça e etnia. Ao transversalizar esses dois fatores dentro do fenômeno, pode-se perceber que existem diferenças na forma com que a violência é sofrida, a depender do grupo étnico-racial em que a mulher está inserida, tal como problematizam.

A violência contra a mulher não “escolhe alvo”. O problema atinge a mulher, seja negra ou branca, pois ambas são vistas como mero objeto de satisfação masculina - e a representação existente pela sociedade quanto à responsabilidade da ocorrência do ato criminoso recai fortemente sobre a mulher. Cerca de aproximadamente 67% das assertivas sobre o caso fictício de estupro culpabilizavam a vítima pelo ato. Não obstante, a mulher negra terminou por ser (levemente) mais culpabilizada em detrimento da mulher branca, tendo para a primeira cerca de 36,9% das assertivas lhe responsabilizando pela situação de violência, e 30% para a segunda. Cabe ressaltar que não foram observadas diferenças significativas no que se refere às classes sociais dos participantes – a tendência a culpabilizar a mulher vítima de estupro foi observada nos diversos níveis socioeconômicos em que se encontram os sujeitos da amostra.

Como já mencionado, a violência contra a mulher ocorre na sociedade atual de forma a atingir todas as classes e contextos étnico-raciais, o que faz com que muitas das opiniões acerca do fenômeno se repitam para os dois grupos apresentados – contudo, os diferentes resultados obtidos também explicitam que existem fatores que modificam as condições em que a mulher negra e a mulher branca são culpabilizadas, uma com maior intensidade do que a outra, ou de diferentes formas que evocam estereótipos sobre cada uma, evocando representações que permeiam questões de raça e etnia. Este artigo realiza uma tentativa de investigar mais a fundo

essas diferenças mencionadas e subsidiar novas pesquisas acerca da temática proposta, que é ainda pouco explorada.

## Referências

ARÁN, M. *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*. Rev. Estud. Fem., vol.11, no. 2, p.399-422, 2003. ISSN 0104-026X.

ARRUDA, A. *Teoria das representações sociais e teorias de gênero*. Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 127-147, 2002.

BARRETO, R. A. *Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

CARNEIRO, S. *Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Revista Lola Press n. 16, 2011.

CHARTIER, R. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)*. Cadernos Pagu, Fazendo história das mulheres, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, n. 4, 1995.

COULOURIS, D. G. *A desconfiança em relação à palavra da vítima e o sentido da punição em processos judiciais de estupro*. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20092010-155706/pt-br.php>>. Acesso em: 25 de Janeiro de 2013.

DOSSIÊ MULHER. Rio de Janeiro. Maio, 2010. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2010/05/25/pesquisa-identifica-que-mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-violencia-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2013.

FREITAS H; JANISSEK R. *Análise léxica e análise de conteúdo: Técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos*. Porto Alegre, Ed. Sagra Luzzato, 2000.

JODELET, D. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In D. Jodelet (Ed.) Les représentations sociales. Paris: PUF, pp. 31-61, 1998. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Uso escolar, proibida a reprodução.

OLIVEIRA, M. J. *Os femininos habitam espaços hifenizados – a localização e interseccionalidade dos saberes feministas*. Universidade de Minho, 2010.

SANTOS, C.M; IZUMINO, W. P. *Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil*. Revista E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe, da Universidade de Tel Aviv, 2005.

SILVA, S. R. *A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola*. Revista Negra, ano 14, n. 19, 2011.

SILVA, J. O. *A formação da mulher negra na sociedade brasileira*. 2011. Disponível em: <[https://docs.google.com/file/d/0B3gKJMAG37nPYTg0ZGQ1ZDktMzU5ZC00OGRhLTlmY2ItYmMyYmI3YWVmZDZm/edit?hl=pt\\_BR](https://docs.google.com/file/d/0B3gKJMAG37nPYTg0ZGQ1ZDktMzU5ZC00OGRhLTlmY2ItYmMyYmI3YWVmZDZm/edit?hl=pt_BR)>. Acesso em: 04 de Abril de 2013.

VAZ, Z. M. N. (s.d) *Consciência feminina, étnica e cultural na obra de Alzira Rufino*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/alzirasantos/alziracritica01.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2013.

VIVER. Serviço de Atenção a Pessoas em Situação de Violência Sexual da Bahia. *Estatística de Janeiro a Maio de 2013*. Acesso em 20 de agosto de 2013.

YOUNG, R. J.C. *Desejo colonial - hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.